

PAULO LEMINSKI: UM POETA LONGE DEMAIS DA(O)S CAPITAIS

Lívia Mendes PEREIRA¹

Paulo Leminski, poeta curitibano, vivia “longe demais das capitais”², assim como cantou seu vizinho sulista, Humberto Gessinger, e foi, por muito tempo, rotulado um poeta “marginal”, não apenas por estar à margem da região mais rica e produtiva do país, mas também por acreditar que a poesia bastava por si mesma, qualificada pelo poeta um “inutensílio”, pois este acreditava que a poesia era uma força contra a mistificação literária³.

Muitas pessoas acreditam que, ironicamente, a poesia de Leminski tenha se voltado contra os ideais do próprio poeta na ocasião da publicação, pela editora Companhia das Letras, de seus poemas, no volume denominado *Toda Poesia*, no ano de 2013⁴, já que a obra alcançou *record* de vendas e ficou por muitas semanas no topo das listas dos mais vendidos. O espanto não é de se estranhar, pois um livro de poesia estar entre os mais vendidos no Brasil, um país em que a leitura atinge uma parcela pequena da população e que, na maioria das vezes, essa parcela de leitores preferem leituras de fácil acesso, por exemplo os livros de auto-ajuda ou as traduções facilitadas dos *best-sellers* norte-americanos, é realmente inusitado.

¹ Mestranda em Estudos Literários. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - UNESP. E-mail: ligessinger@gmail.com

² GESSINGER, H. Longe demais das Capitais. In: Engenheiros do Hawaii. **Longe demais das Capitais**. Porto Alegre: BMG, 1986. 1 CD.

³ “Quem quer que a poesia sirva para alguma coisa não ama a poesia. Ama outra coisa. Afinal, a arte só tem alcance prático em suas manifestações inferiores, na diluição da informação original. Os que exigem conteúdos querem que a poesia produza um lucro ideológico” (LEMINSKI, P. **Ensaio e Anseios críticos**. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p.86-87).

⁴LEMINSKI, P. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Diante desse milagre, muitos acabam acreditando e afirmando que o motivo de tamanho sucesso esteja na facilidade ou na falta de rebuscamento das poesias de Paulo Leminski e que talvez isso se devesse à influência dos compartilhamentos dessa “poesia de fácil acesso” nas redes sociais, se nos fiarmos no que insinuou Luis Dolhnikoff em sua resenha “Paulo Leminski, O Paulo Coelho da Poesia”⁵. Porém, a incapacidade e falta de entendimento rebuscado não está no poeta, mas no próprio crítico-leitor. Como o próprio cachorro louco afirmava a poesia é feita para poetas, e esse poeta não é somente quem escreve poesia, mas também alguém que possui capacidade e sensibilidade para entendê-la⁶. Dessa forma, é totalmente ingênuo afirmar que Leminski hesitava entre o “capricho” e o “relaxo”, apropriando-se do nome de uma de suas obras de forma errônea e equivocada, pois o “relaxo” que o poeta insere em seus poemas e indica em seu título, não se trata de um descuido qualquer, mas da essência de sua poesia, que se firma em não negar as características formais e complexas da arte, porém, por outro lado, não deixa de ser acessível ao grande público. O verdadeiro “relaxo”, no sentido depreciativo do termo, está no mero leitor que não consegue ler Leminski além da superfície.

Ao se deparar com esse poema, da seção “Ideolágrimas” de *Caprichos & Relaxos*

a palmeira estremece
palmas pra ela
que ela merece (p.114)

O leitor distraído das redes sociais pode ter a impressão de um poema infantil, bonito, musical. Um leitor “relaxado”, no sentido ruim da palavra, pode entender que a poesia não diz absolutamente nada e só tem importância para ser compartilhada ao lado de um

⁵ Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3776&titulo=Paulo_Leminski,_o_Paulo_Coelho_da_Poesia>. A acesso em 13/06/2013.

⁶ “Tem que ter tanta poesia no receptor quanto no emissor” (*idem*, p.133)

desenho ou de uma foto, para provocar um sorriso em um amigo. Porém, um leitor “poeta”, assim denominado por Leminski, entende a intenção lúdica e alusiva, a musicalidade no uso da paronomásia, o diálogo com o gênero *haikai* e procura, na própria sugestão do poeta em seu prefácio, entender o poema em seu contexto e sua intenção.

Aqui, poemas para lerem, em silêncio,
O olho, o coração e a inteligência.
Poemas para dizer, em voz alta.
Poemas, letras, *lyrics*, para cantar.
Quais, quais, é com você, parceiro. (p.27)

Portanto, Paulo Leminski não negava que a poesia poderia ser acessível, mas repudiava a poesia ou a literatura que possuía apenas esse objetivo rentável, para o poeta a matéria da poesia, que é a palavra, é essencialmente política e ética e, por isso mesmo, não pode ser transformada em simples mercadoria.

Os textos feitos para vender, que assumem o topo do *ranking* não podem ser comparados à poesia pura e simples do poeta curitibano, em que a literatura apenas funciona como literatura, em seu estado natural. Se parece uma poesia de fácil acesso para o leitor da superfície, é nesse engano propositalmente instaurado que mora a sua genialidade, a capacidade de construir inúmeras camadas a serem desvendadas e deixá-las à disposição do mais fino leitor, para que ele desvende seus próprios caminhos. Por isso, sua obra se aproxima dos grandes meios de comunicação, da publicidade, da canção popular, da poesia *beat*, tudo isso para incorporá-la a todo tipo de público e articulá-la com efeitos como o riso, o susto e o inesperado.

Toda Poesia reúne a totalidade de versos de Leminski já publicados em livros, desde o primeiro *Quarenta clics em Curitiba* (1976) até o póstumo *Winterverno* (2001) e fecha a parte dedicada à poesia com a seção “Poemas esparsos”, que reúne os poemas que nunca apareceram nas obras anteriores. O livro inicia com

a apresentação de Alice Ruiz, ex-esposa do poeta, que conta a trajetória íntima que teve com Leminski e com a edição de seus livros tanto em vida como depois de sua morte. A edição também conta com posfácio de José Miguel Wisnik, crítico e compositor, intitulado “nota sobre Leminski cancionista”, em que ele analisa a forma e as características das canções do poeta, comentando também a relação de suas parcerias com outros músicos, inclusive com o próprio Wisnik. A antologia termina com um apêndice, em que são apresentados os textos de críticos literários e amigos de Leminski, publicados anteriormente em outras edições, com comentários a respeito da vida do poeta e também sobre sua poesia. A edição teve capa e projeto gráfico de Elisa von Randow, que escolheu a característica mais marcante de Leminski, o bigode, para ilustrar a capa de sua antologia. Todo o livro traz editoração e disposição dos poemas coincidentes aos originais, apenas são modificados aqueles livros que foram publicados originalmente em conjunto com fotografias e desenhos. Se comparado com os originais, o livro é bem completo e bem organizado, talvez o que mais fez falta são os projetos gráficos de fotografia e desenhos que ficaram de fora da antologia, o que dá um ar de incompletude aos poemas dos livros que foram editados juntamente com fotógrafos e artistas plásticos em seu original. Sente-se falta também de dois textos de Arnaldo Antunes, amigo e parceiro de Leminski, um sobre o livro *Winterverno* e outro escrito na ocasião de aniversário de 10 anos da morte do poeta, ambos publicados em *40 escritos*⁷. Vale lembrar ainda que o livro ganhou, no ano de seu lançamento, o Grande Prêmio da Crítica da APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes), na categoria Literatura.

Diferente do que diz a visão errônea daqueles que criticam o sucesso da antologia póstuma de Paulo Leminski, o êxito de *Toda Poesia* (2013) foi totalmente coerente com o projeto poético e com o que foi anunciado pelo autor durante toda sua vida. Paulo Leminski conseguiu, efetivamente, como lembra Solange Yokozawa, no

⁷ ANTUNES, A. **40 escritos**. Iluminuras: São Paulo, 2000.

artigo “Poesia e leitor na contemporaneidade: a (re)visão de Paulo Leminski”⁸, por meio da confluência entre o erudito e o popular, criar obras muito múltiplas e atingir públicos completamente diversos, mantendo-se vivo em seus poemas e em sua arte. Dessa forma, o poeta acabou por provar que, em sua essência, mesmo face à lógica do “capital”, ainda assim esteve e estará longe demais dos “Capitais”.

⁸ YOKOZAWA, S. F. C. Poesia e leitor na contemporaneidade: a (re)visão de Paulo Leminski. In: CAMARGO, F. P.; VIEIRA, M. M. C.; FONSECA, V. N. da S. (Org.). **Olhares críticos sobre literatura e ensino**. São Paulo: Fonte, 2014, v. 1, p. 33-52.

